

# O conteúdo significativo do trabalho: um estudo sobre recompensas simbólicas e insatisfações no ambiente organizacional de um jornal impresso

**Michelle Roxo de Oliveira**

No desenvolvimento de dissertação de mestrado para o Programa de Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp)<sup>1</sup>, realizamos em 2005 uma pesquisa empírica com um grupo social específico de repórteres de um jornal impresso diário do Interior do Estado de São Paulo, com o objetivo de construir um conhecimento sobre aspectos da identidade profissional do jornalista e das condições de produção da notícia.

Esse texto é um pequeno recorte da temática maior explorada na investigação em campo<sup>2</sup>. Utilizando como base empírica parte das informações reunidas nas entrevistas em profundidade e observação participante<sup>3</sup>, analisaremos aspectos sobre o conteúdo significativo do trabalho, as recompensas simbólicas e insatisfações apresentadas pelos sujeitos no ambiente organizacional.

O veículo no qual a pesquisa foi realizada, até a finalização da coleta de dados, tinha circulação diária e regional, tiragem média de 28 mil exemplares, chegava a 45 cidades e atingia um número aproximado de cem mil leitores. Apesar do consentimento escrito do jornal para realizar o estudo, optamos por preservar o nome da empresa e dos colaboradores que aceitaram participar da pesquisa. O objetivo foi não colocar os informantes numa situação de constrangimento e de extrema exposição, tentando evitar algum tipo de dano àqueles que permitiram ser estudados.

Os dados foram coletados entre os meses de abril e agosto de 2005. Participaram da pesquisa 17 jornalistas de diferentes editoriais, que ocupavam a posição de repórter, sendo dez da produção diária de notícias e sete de suplementos semanais<sup>4</sup>. Delimitamos como colaboradores apenas os repórteres que trabalhavam na elaboração de matérias<sup>5</sup>, que apuravam informações, redigiam textos, ou seja, que atuavam na linha de frente da produção jornalística, obedecendo a um ritmo de trabalho similar.

Escolhemos trabalhar com jornalistas desse veículo impresso de uma cidade de porte médio pela facilidade de imersão da pesquisadora em campo, já que ela também fazia parte do grupo pesquisado e trabalhava na mesma empresa na qual ele estava inscrito. Essa escolha se deu especialmente porque a pesquisa de campo se propunha a realizar a observação participante, a partir de uma abor-

dagem etnográfica, que exige a imersão do pesquisador no ambiente de estudo com o objetivo de vivenciar a mesma realidade dos colaboradores e descrever suas práticas (Coulon, 1995).

A partir das duas técnicas qualitativas – a entrevista em profundidade semi-estruturada<sup>6</sup> e observação participante – reunimos dados sobre as representações sociais construídas pelo grupo em torno da atividade e as condições objetivas do trabalho na organização.

Os dados coletados em campo foram agrupados por classificação em categorias temáticas para descrição e análise a partir de temas-eixo, com o objetivo de apreender significados comuns. Utilizando os dados que deram origem a um capítulo da dissertação, neste texto analisamos especificamente alguns temas relacionados ao conteúdo significativo do trabalho na organização: as recompensas e ganhos simbólicos decorrentes da atividade, o envolvimento/vínculo com o jornalismo, a entrega do tempo no exercício profissional, os constrangimentos da situação do trabalho, as pressões e insatisfações relacionadas ao ambiente organizacional.

Ao final, em que pese a diversidade das falas, as variações e os significados pessoais produzidos por cada indivíduo<sup>7</sup>, foi possível apreender aspectos compartilhados pelo grupo, a partir das representações construídas nessa relação com o trabalho na organização-empresa. Em linhas gerais, observamos que o conteúdo do trabalho é fonte de significações positivas e negativas no ambiente organizacional: por um lado, os sujeitos encontram na atividade ganhos simbólicos, recorrendo a representações socialmente constituídas sobre a importância da profissão, que dão sentido a suas ações no contexto produtivo. Por outro, o trabalho na organização é atrelado a uma série de insatisfações, relacionada aos constrangimentos e pressões do processo produtivo, à falta de tempo para a vida privada e de recompensas materiais e simbólicas por parte da chefia.

## **O CONTEÚDO SIGNIFICATIVO DO TRABALHO COMO MOTIVADOR DE ENVOLVIMENTO**

O sentido de relevância do jornalismo no conjunto social, localizado no quadro de um ideal altruísta e humanista, aparece para os sujeitos da pesquisa como fator de motivação no processo produtivo, preenchendo a atividade de significação. O sentimento de informar o público, prestar um serviço para a sociedade, ajudar as pessoas, gerar discussões e mudanças sociais, ser o canal entre a sociedade e as instituições, ganhou expressão no discurso dos entrevistados. Isto é, o conteúdo significativo do trabalho, construído em torno de algumas representações sociais como a concepção do jornalista enquanto intérprete autorizado da realidade, porta-

voz do interesse público, vigilante dos poderes instituídos, emergiu como ganhos simbólicos no exercício da atividade.

É por meio das representações sociais que os indivíduos conferem significação às suas ações e ao mundo social que os cerca, constituindo imagens, concepções e idéias a partir de classificações positivas ou negativas, as quais circulam por meio de crenças e valores compartilhados. É também função das representações situar os indivíduos e os grupos no conjunto social, “(permitindo) a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, ou seja, compatível com sistemas de normas e de valores social e historicamente determinados” (ABRIC, 1994a, *apud* SÁ, 2002: 44).

Entre o grupo investigado, observa-se que as representações positivas elaboradas sobre o trabalho jornalístico configuram-se como elementos importantes para a construção de uma identidade profissional gratificante<sup>8</sup>, que legitima a permanência dos sujeitos na profissão, levando-os a estabelecer envolvimento com a atividade, apesar das insatisfações vivenciadas no ambiente da organização e até mesmo na vida privada (quando relacionadas ao trabalho).

De fato, durante as entrevistas, grande parte dos jornalistas estabeleceu discursivamente grau significativo de envolvimento com a profissão, que extrapola os vínculos estritamente trabalhistas e introduz todo um sentido simbólico positivo em suas tarefas.

A imagem de si como partícipe de uma profissão de relevância no conjunto social, com objetivos socialmente reconhecidos, repercute na demonstração de prazer e investimento afetivo no trabalho, como demonstra o depoimento de dois informantes:

Esse negócio de estar informando as pessoas e depois ouvir as pessoas comentando a tua matéria é uma coisa que dá muito prazer. Você não fica só na obrigação de escrever, acho que também dá prazer você perceber que está informando as pessoas.

A satisfação de ser repórter é quando você consegue fazer uma matéria que beneficia as pessoas, que mude as situações e que te dê uma satisfação de você pegar o jornal no dia seguinte, ler e falar assim: “Putá! Eu escrevi isso, que coisa boa”. Sabe? Uma sensação boa.

Também o sentido de autoridade, visibilidade e prestígio social associados à atividade jornalística aparece na fala dos sujeitos como motivo de satisfação no ambiente de trabalho. Ter matérias assinadas nas páginas do jornal, conviver com autoridades, receber elogios e retorno do público, obter informações privilegiadas e exclusivas, ter contato com personalidades e ter a possibilidade de frequentar lugares

inacessíveis ao cidadão comum foram apontados como elementos motivadores para alguns sujeitos. Há informantes que chegaram a alçar o jornalismo à condição de uma profissão diferenciada, “não como as outras”, em função da alta responsabilidade da atividade e do profissional como formador de opinião, da necessidade de tratar de temas diversos com pessoas diversas, relacionar-se com a comunidade, além de desfrutar de certo *glamour*, respeito e credibilidade. O conteúdo significativo da atividade comporta, assim, uma significação narcísica, sustentada pela idéia de prestígio, reconhecimento ou diferenciação no conjunto social. “Trata-se mais da imagem de si que repercute do trabalho, tanto mais honroso se a tarefa é complexa, tanto mais admirada pelos outros se ela exige um *know-how*, responsabilidade, riscos” (Dejours, 1992: 49).

Nas palavras de dois informantes:

Eu acho que entra um pouco naquela questão do prestígio. O respeito que você tem de chegar num grupo de autoridades, por exemplo, e elas virem te cumprimentar, te tratarem bem, em função do trabalho que você desempenha.

Eu acho que ela (profissão) difere no sentido de que você é formador de opinião. Então, tem uma responsabilidade muito grande. Não é uma profissão mecânica como um bancário, por exemplo, ou como, sei lá, como um motorista, uma profissão um pouco mais braçal. Eu acho que a profissão de jornalista é de altíssima responsabilidade.

Na pesquisa de campo, foi possível notar que o fato de os sujeitos ocuparem a posição de atores de uma profissão que agrega uma série de representações sociais positivas traz gratificação e sentido à prática profissional. Contudo, ainda que haja nos discursos um arranjo simbólico operado pelo grupo na tentativa de valorização da própria atividade, observa-se ao mesmo tempo a vivência de tensões e insatisfações no trabalho dentro da organização, onde as relações de produção são marcadas por conflitos e interesses entre trabalhador e empresa.

## **O SENTIMENTO DE DESVALORIZAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO-EMPRESA**

A cobrança por produtividade, a sobrecarga de tarefas, a falta de reconhecimento da chefia e de tempo para a vida privada são apontadas pelos informantes como geradores de insatisfação, ou seja, como sintomas de sofrimento no trabalho (Dejours, 1992).

A representação de desvalorização na empresa é evocada pelos repórteres em diferentes momentos. A expectativa em relação a melhores salários, por exemplo,

aflorou entre os jornalistas, que fizeram referência aos baixos vencimentos, considerados incompatíveis com a responsabilidade e importância social da atividade. A quase totalidade dos entrevistados afirmou que atualmente sua compensação no exercício da atividade é mais psicológica do que financeira<sup>9</sup>. “Se fosse pelo financeiro eu já tinha abandonado o jornalismo há muito tempo”, expressou uma informante. Ou seja, na ausência de uma contrapartida financeira satisfatória, os sujeitos indicam que os lucros simbólicos trazidos pela atividade são elementos importantes para garantir sentido ao trabalho e justificar a permanência na organização.

É, eu acho que é aquela paixão mesmo. Na verdade, se fosse falar: “Ah, vou pensar em uma profissão para entrar no mercado de trabalho”, o mercado não é animador. Mas a profissão é linda. É legal ser jornalista, é interessante a relação... Por isso que eu falo: eu sempre penso no leitor.

No curso dos depoimentos, a falta de reconhecimento, elogios e estímulos por parte da chefia, em relação à qualidade do trabalho desempenhado pelos repórteres, também gerou construções negativas sobre as condições organizacionais. Alguns informantes ressaltaram que os dirigentes, em geral, se manifestam em relação à produção apenas nos casos de sanções negativas ou cobranças<sup>10</sup>. Há quem justificou, inclusive, que a acomodação e a baixa produtividade profissional, em alguns casos, estão relacionadas a essa carência de reconhecimento, que apareceu como motivo de queixas em muitos discursos, especialmente nas conversas de bastidores<sup>11</sup>. De todo modo, em linhas gerais, na falta de estímulo no ambiente interno, o *feedback* dos leitores em relação às matérias foi apontado como fonte de motivação por muitos repórteres, que se mostraram sensíveis a esses ganhos<sup>12</sup>, como uma espécie de reconhecimento social de seu trabalho.

O pano de fundo das condições organizacionais também ganhou contornos negativos diante das exigências de ritmo de produção na empresa e da cadência das horas de fechamento. A corrida contra o tempo foi apontada por sujeitos do grupo investigado como uma das principais pressões do processo produtivo. Somado à quantidade de pautas a cumprir, ou o que alguns definiram como sobrecarga de trabalho, essa tensão tende a ser intensificada, especialmente para quem considera ter um ritmo de produção mais lento.

Entre o grupo, a representação de desvalorização no ambiente profissional também foi evocada pela ameaça de ser considerado simples mão-de-obra, facilmente substituível quando não ajustada aos requisitos da empresa. “Sinto muita insegurança, porque hoje a gente é considerada um número. Qualquer um pode substituir a gente”, afirmou uma das repórteres, em tom de ressentimento, ao considerar que a

organização, apoiada na razão econômica e produtiva, reduz a significação atribuída à atividade.

Numa tentativa de valorização do jornalismo no mundo do trabalho, algumas falas também demonstraram a preocupação de diferenciar o jornalista de um trabalhador que simplesmente executa tarefas prescritas. Reivindicando a condição de sujeitos no processo produtivo, qualificados e reflexivos, alguns informantes apontaram para um movimento de resistência a uma condição de alienação. “O jornalista não é um apertador de botões, não é um trabalho mecânico em que todos os dias você faz a mesma coisa”, definiu um repórter. Outra entrevistada seguiu raciocínio semelhante ao afirmar que o jornalismo não pode “se resumir só a uma profissão”, não é só “bater cartão”. Nesse contexto, para alguns informantes, o cenário de uma produção industrial, marcada pelas rotinas de produção e condutas padronizadas, choca-se, em certa medida, com as aspirações dos sujeitos de realizar na redação um trabalho criativo e independente.

Observa-se, assim, certa tensão no discurso dos sujeitos em relação à adoção de procedimentos que reforcem condutas burocratizadas ou enfraqueçam a autonomia profissional, retirando parte de seu poder e controle sobre o trabalho. Como afirma Sato, o poder sobre o trabalho corresponde à “possibilidade de o trabalhador interferir e mudar prescrições que definem normas no nível da tarefa a ser por ele executada” (1999: 198). Nesse contexto, as exigências de produtividade e prescrições fixadas pela chefia<sup>13</sup>, a intensificação dos ritmos das tarefas e as interferências da política editorial da empresa emergem, entre o grupo, como constrangimentos da situação do trabalho, que tensionam as significações positivas construídas sobre a atividade jornalística e aparecem como obstáculos encontrados diante do que se deseja fazer.

### **A DEDICAÇÃO AO TRABALHO COMO UM VALOR POSITIVO**

Em linhas gerais, os repórteres consideraram que o nível de dedicação, desempenho e produtividade exigido pela empresa no processo produtivo é significativamente acentuado. Alguns afirmaram que há bastante cobrança, é preciso “vestir a camisa”, estar “sempre alerta”, evitar cometer erros ou ser “furado” por outro órgão de comunicação local. “A empresa cobra bastante esse perfil de você estar ligadona o tempo todo. Ameaça bastante, porque se você não estiver (ligadona), corre o risco de ir para rua”, disse uma informante.

É importante notar, entretanto, que apesar das críticas lançadas à dedicação exigida pela empresa, expressas comumente pelos sujeitos - especialmente nas “rodinhas” informais, como apontou a observação participante - muitos repórteres

conceberam o bom jornalista como um sujeito que tem grau acentuado de envolvimento com o trabalho. Esta concepção contribuiu para uma espécie de exploração tácita no ambiente das redações (que leva o explorado, em grande medida, a ser cúmplice ativo de sua própria exploração).

Palavras como “paixão”, “envolvimento” e “dedicação”, por exemplo, ganharam ressonância entre os discursos como qualidades necessárias ao desempenho do “bom repórter”. Em outras palavras, o envolvimento acentuado com o trabalho emergiu como um valor positivo no exercício profissional. Nesse contexto, tudo se passa como se a entrega do tempo fizesse parte das exigências tácitas da profissão. Mesmo quando não está na organização, alguns informantes afirmaram pensar em jornalismo a todo tempo.

Nas palavras de dois repórteres:

Eu não consigo ver um bom jornalista se ele não for esse cara que desprende esse tempo a mais do que os outros, que circule em cima da informação, que pense, que bote um pouco o seu dia a dia à margem da vida.

Diretamente (eu dedico) umas sete, oito horas (à profissão). Mas, indiretamente, eu sou uma fascinada. Assim, eu sou 24 horas jornalista.

Um informante, cujo discurso foi perpassado em vários momentos pela defesa de um envolvimento acentuado com a profissão, afirmou que até quando dorme pensa em jornalismo e quando acorda já vai para o banho refletindo sobre suas pautas. Para ele, “a informação não obedece a uma jornada” de trabalho, por isso o jornalista tem que estar atento e ampliar contatos inclusive fora do horário de expediente. “(...) na verdade você é meio escravo do raciocínio sobre a informação o tempo inteiro. Mas eu não vejo isso como uma escravidão negativa, porque eu gosto muito de fazer isso”, ressaltou.

Percebe-se claramente nestes discursos um cenário favorável para uma significativa extração de mais-valia e para a mobilização de uma postura produtiva na redação, a partir da mobilização da subjetividade dos trabalhadores. De fato, grande parte dos jornalistas informou que seu grau de dedicação no trabalho é intenso. Alguns afirmaram que estabeleceram essa relação, principalmente, devido a satisfações simbólicas – como o prazer pela atividade, preocupação com o público e a qualidade do produto – ou por exigência da própria profissão e do mercado de trabalho:

Eu fico muito ligada. Eu não consigo desligar. (...) Começou sendo desse jeito e virou um vício. Eu comecei pensando: para eu ser boa jornalista eu tenho de pensar em jornalismo 24 horas. Todo mundo falava isso na faculdade...Eu lembro de um editor, logo no começo

quando entrei na profissão, que falou isso: jornalista tem de ser jornalista 24h. E acho que a profissão de jornalista impõe isso para a gente.

Importa destacar que o próprio campo cultua essa entrega do tempo. Ou seja, essa não é uma exigência exclusiva da organização, mas da cultura profissional. Raciocínio este que se torna bem claro quando a informante acima afirma que, já no período da faculdade, o estereótipo do bom jornalista como o profissional que se dedica 24 horas à atividade passou a ser internalizado. Isso leva a crer que essa expectativa da entrega total do tempo começa a ser gerada na própria universidade, assim como outras representações sobre a profissão e os atributos necessários para o desempenho desse papel social. Certa impressão sobre a conduta profissional adequada já é oferecida aos sujeitos neste momento. “Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel” (Goffman, 1975: 34). Significativamente, vários informantes utilizaram ou fizeram alusão à expressão “jornalista é jornalista 24 horas”. Assim, no campo jornalístico, o tempo fora da organização também deveria estar supostamente “contaminado” pelas tarefas profissionais, apresentando uma continuidade dificilmente dissociável do tempo de trabalho na empresa.

### **TEMPO DE TRABALHO:**

#### **O DESEJO DE PREVISIBILIDADE E CONTROLE**

De forma geral, observamos oscilações no discurso dos sujeitos, marcados ora pela valorização dos arranjos simbólicos gratificantes, ora pelas insatisfações no ambiente organizacional. Encontramos no tema do tempo de dedicação ao trabalho um exemplo representativo dessa relação: se por um lado, em alguns momentos, a entrega do tempo aparece como uma qualidade no exercício profissional e ganha uma significação positiva quando relacionada ao grau de envolvimento afetivo para com a profissão; por outro, é valorado como negativo quando são evocadas as jornadas de trabalho irregulares, o desgaste no ambiente organizacional ou a falta de tempo livre.

Nesse último caso, as horas irregulares de produção, o tempo de dedicação ao trabalho na organização – “a entrega do tempo” – e a conseqüente impossibilidade de maior atenção à vida pessoal e familiar aparecem como um “sacrifício” exigido pela profissão, fonte de tensões e insatisfações.

Quatro repórteres, por exemplo, consideraram a possibilidade de deixar o jornalismo para começar a trabalhar em cargos públicos, concursados, que trouxessem maior estabilidade, previsibilidade e controle sobre os horários de trabalho, além de tempo para se dedicar a outras atividades, especialmente à vida familiar. Até

mesmo alguns informantes que apontaram inicialmente nas entrevistas sua atração pelo potencial do jornalismo em fugir da rotina e ser uma profissão “corrida”, em seguida demonstraram-se tensionados em relação ao contexto de produção, justamente pela falta de possibilidade de ter horários regrados e maior “tranqüilidade”.

Assim se expressou uma repórter, de maneira significativa, ao discorrer sobre seu desejo de previsibilidade e controle sobre o tempo do trabalho:

Eu acho que todo mundo quer um pouco de tranqüilidade na vida e a nossa profissão não permite. (...) Talvez eu não abrisse mão do jornalismo totalmente, mas eu trocaria uma redação por um cargo público ou por uma coisa que eu soubesse o horário que vou chegar em minha casa, soubesse que vou ter feriado, final de semana, coisa que a gente simplesmente não tem. Eu tenho a intenção de ser mãe e eu não quero criar um filho que não vai me ver. Sair de casa 7 da manhã para voltar meia-noite, quando muito. (...) É uma coisa assim: você sabe o horário que vai entrar, mas você nunca sabe o horário que vai sair.

O trabalho é, de fato, o grande regulador do tempo em torno do qual se organizam outros tempos sociais, como os da família, lazer, entre outros (Gasparini, 1996: 125). No jornalismo, as horas irregulares de trabalho são motivadoras de tensão, assim como as jornadas em horários considerados “anti-sociais”, nos finais de semana e feriados - “dias que representam ainda um elemento temporal fundamental de reencontro e socialização para a comunidade” (Gasparini, 1996: 126). “Às vezes eu tenho que sacrificar meu fim de semana por causa de plantão. Um horário que era para eu estar descansando ou fazendo outra atividade tenho que sacrificar por causa da profissão”, manifestou um informante. Pressionados pela necessidade de cumprimento das pautas, alguns jornalistas destacaram que chegam a levar trabalho para a casa em dias de folga ou finais de semana. Um dos entrevistados afirmou que o tempo de dedicação ao trabalho na organização é potencializado diante de um quadro de redações enxutas e cobrança por produtividade.

A transgressão do limite subjetivo, a partir de uma exigência de trabalho maior do que o profissional suporta, pode se expressar diretamente na saúde (Sato, 1999). O corpo torna-se, assim, o ponto de impacto da jornada de trabalho (Dejours, 1992). Parte dos repórteres disse que já enfrentou problemas dessa natureza em decorrência da profissão, especialmente relacionados ao estresse<sup>14</sup>, como aponta uma colaboradora:

Eu percebo claramente que, como eu levo a sério (o jornalismo), eu acho que eu abro uma porta para me deixar atingir por essas coisas e fico fragilizada. E essa coisa da fragilidade eu percebo na minha saúde.

É um espelho. Eu já tive vários problemas por causa desse estresse, dessa sobrecarga do trabalho. Desde, nossa!, passar mal e de coisinha boba, de cair a pressão e ir para o hospital.

Chama atenção no discurso da repórter acima a clara tentativa de distinção e valorização de sua postura profissional ao afirmar que seu quadro de tensão e os conseqüentes reflexos na sua saúde são acentuados porque a atividade é levada “a sério”. Outra jornalista construiu distinção semelhante ao empregar a seguinte afirmação:

Eu acho que 80% dos jornalistas vivem no estresse 24 horas. Oitenta por cento. Tem sempre aquele que é mais disciplinado, que consegue dividir melhor as coisas. E tem o relaxado, que trabalha enquanto tem que trabalhar. Saiu dali, desencanou, não está nem aí com a vida e pronto. Mas, 80% dos que levam realmente a sério, 80% vivem meio estressados.

Grande parte dos informantes ressaltou que há pressões psicológicas no exercício da atividade, especialmente relacionadas ao *deadline*, à quantidade de trabalho, à cobrança por produtividade e ameaça de desemprego. Considerando-se meio “lerdinho” no processo produtivo, um dos entrevistados afirmou que tem a preocupação de “fazer o trabalho bem feito” e destacou que esse quadro de ansiedade cumulativo desencadeou problemas físicos. Disse que, hoje, o quadro de estresse é crônico e enfrenta um estado de esgotamento físico e mental, como demonstra um trecho significativo de seu depoimento:

O estresse, na minha opinião, já é crônico. Eu estou estafado. Estafado, literalmente estafado. Quando chega, assim, à noite, nove, dez da noite, eu já não consigo fazer mais nada. Estou assim: eu só quero cama, não consigo fazer mais nada. Então, está assim. Eu acho que cheguei num estágio crônico já, que pode progredir para uma doença. Não sei o que vai acontecer, mas é isso. Mas é isso, (tenho) dois empregos... Até tentei sair de um, depois não consegui. É a carga horária também. Eu estou num quadro extremamente instável.

Como o autor do discurso acima, outros repórteres do grupo investigado, além de exercerem sua função no jornal, trabalhavam em um segundo emprego, como, por exemplo, na área de assessoria de imprensa. A dupla jornada contribuiu para um quadro de desgaste no exercício profissional.

Nesse contexto, grande parte do grupo afirmou que tem dificuldade de conciliar o jornalismo com a realização de outras atividades, como exercícios físicos, lazer, programas culturais, dedicação à família, qualificação profissional<sup>15</sup>. Essas limitações foram atreladas à dificuldade de administrar o horário de trabalho dentro da

redação ou ao próprio desgaste pessoal ao fim da jornada<sup>16</sup>. Alguns repórteres afirmaram ter dificuldade de se desligar do trabalho quando chegam em casa, principalmente quando fizeram matérias mais polêmicas ou que geraram algum tipo de insegurança quanto às informações transmitidas - o que demonstra que as tensões relacionadas à atividade não são vivenciadas apenas nos limites físicos da redação.

Considerando o limite subjetivo de cada profissional, as tensões na organização podem atingir maior proporção para alguns repórteres, já que é preciso considerar que as pressões sentidas no processo produtivo sofrem determinações objetivas e subjetivas – dependem dos contextos de trabalho, mas também das características de cada trabalhador (Sato, 1999). Assim, os jornalistas apresentaram níveis de dificuldade e ajustamento diferenciados na sua relação com as pressões do tempo e da produtividade na empresa.

Apesar dos argumentos mobilizados para denunciar o desgaste sofrido no ambiente profissional, a falta de tempo para a vida privada e a má remuneração – que aparecem com força na maioria dos discursos – muitos repórteres afirmaram que pretendem permanecer na condição de jornalista por toda a vida. “Eu adoro o que eu faço. Eu não sei, eu não me vejo em outra situação”, resumiu uma informante. Notadamente, o tema do prazer pela atividade aparece na fala de vários sujeitos, indicando que o trabalho na organização-empresa é também fonte de recompensas.

A partir do discurso dos informantes, foi possível observar um movimento que enfatiza alternadamente experiências gratificantes e insatisfações no ambiente produtivo. Isto é, o trabalho na organização apresentou uma face positiva e negativa para o grupo: ora é gerador de angústias e tensões, pela falta de valorização, condições adequadas de produção, desgaste no exercício da atividade ou pelos obstáculos encontrados diante do que se deseja fazer; ora é motivador de compensações e prazer, já que é através dele que o sujeito encontra a possibilidade de exercer seu papel de jornalista e recebe as recompensas simbólicas decorrentes dessa posição. A imagem da relação dos sujeitos com o conteúdo do trabalho, portanto, não apresentou estabilidade, coerência ou demarcação rígidas. Ao contrário, recorrendo à metáfora do jogo pendular, observamos que as falas apresentaram oscilações e ambigüidades.

Em linhas gerais, é possível ressaltar que as insatisfações experimentadas no contexto organizacional ameaçam, em certos momentos, as significações positivas construídas sobre o conteúdo do trabalho, provocando representações que indicam um sentimento de desvalorização e desconforto na empresa. Contudo, num movimento contrário, observa-se também um arranjo coletivo dos sujeitos na construção de imagens positivas sobre a atividade, que conferem sentido às suas ações e trazem recompensas

simbólicas, permitindo a elaboração de uma identidade profissional gratificante. Assim, se não há contrapartidas financeiras satisfatórias, existem ganhos simbólicos como o prazer pela atividade. Se não há reconhecimento da chefia, o retorno do público e o sentido de autoridade e prestígio associado ao jornalismo emergem como elementos gratificantes. Se as jornadas irregulares e o tempo de permanência na empresa representam motivo de sofrimento, também a dedicação intensa ao trabalho ganha uma significação positiva quando relacionada ao grau de envolvimento afetivo para com a profissão.

Para além de dar sentido à atividade e permitir a elaboração de uma identidade profissional gratificante, é uma hipótese a se considerar que o grupo também recorra a esses arranjos simbólicos como estratégias defensivas (Dejours, 1992), valorizando, em certa medida, o que é significativamente positivo no conteúdo do trabalho para suportar o que é considerado desgastante e penoso nas tarefas dentro da organização.

MICHELLE ROXO DE OLIVEIRA é jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Bauru). Aluna de doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

## NOTAS

1 OLIVEIRA, Michelle Roxo. *Profissão Jornalista: Um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia*. Unesp, 2005.

2 O trabalho foi apresentado no NP de Jornalismo durante o XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado em Santos, de 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

3 Embora utilize dados de um capítulo da dissertação, esse texto apresenta novas reflexões ao privilegiar o aporte teórico de autores da psicologia social.

4 Os jornalistas que produzem material diário estão divididos por áreas de atuação, em editorias que cobrem política, economia, cultura, esportes, além de assuntos gerais da comunidade local e de cidades da região. As editorias de notícias nacionais e internacionais possuem jornalistas responsáveis por editar o material proveniente de agências e distribuí-lo nas páginas. O jornal também possui repórteres que trabalham em matérias especiais produzidas durante a semana para cadernos que abordam temas de saúde, economia, recursos humanos, pesca, turismo, comportamento, além de assuntos voltados para a cobertura de bairros, cidades da região, setor automobilístico e público infantil.

5 A redação na qual os colaboradores estavam inseridos contava, no momento da realização da pesquisa de campo, com o registro de 21 repórteres. Desse total, quatro não fizeram parte do *corpus* da pesquisa, porque trabalhavam prioritariamente na edição de material de agência de notícias, como os jornalistas da editoria nacional e internacional, e estavam submetidos à outra dinâmica de produção.

6 Optamos por essa técnica por oferecer a possibilidade de um diálogo com o entrevistado, próximo e interativo, capaz de abordar as temáticas propostas e fornecer ao colaborador maior abertura para desenvolver sua fala.

7 Alguns jornalistas, por exemplo, foram representantes mais expressivos na construção de significações positivas e outros de significações negativas sobre o trabalho na organização, o que indica que, em situações organizacionais similares, alguns se comportarão ou reagirão diferentemente no plano individual (Chanlat, 1996).

8 É preciso reconhecer que todos os grupos empenham energia buscando a valorização social de sua identidade e a imposição das representações que fazem de si mesmo, investindo “nas lutas de classificação todo o seu ser social” (Bourdieu, 2004: 124). Ou seja, há nas representações, especialmente nas auto-representações,

um movimento estratégico de lutas simbólicas em busca da construção de uma identidade gratificante, que traga aos indivíduos reconhecimento social.

9 Apenas dois entrevistados disseram que a recompensa é mais financeira.

10 Em linhas gerais, a maior parte dos profissionais desenhou um quadro negativo do contexto de trabalho em relação ao reconhecimento e valorização por parte da organização-empresa. Há, no entanto, aqueles jornalistas que gozam de maior prestígio no espaço da redação, têm maior *status* em seu trabalho e, em contrapartida, aqueles que são mais comumente alvo de sanções negativas por parte da chefia. Entre estes últimos, o grau de insatisfação demonstrado é significativamente maior. Nesse sentido, é preciso considerar também que a insatisfação manifestada pelos informantes varia em função de outros aspectos. Um repórter, por exemplo, que seja escalado para atuar numa editoria com a qual se identifique poderá sentir-se de alguma forma reconhecido pela chefia, por atuar numa posição gratificante naquele momento. Por outro lado, ser colocado num posto de trabalho relativamente duro tem uma significação em relação aos pares e aos conflitos dentro da empresa. “Tal posto equivale a “ser protegido do chefe” ou, ao contrário”, “ser sua vítima” (Dejours, 1992: 51).

11 - Notamos que esse comportamento também se configura como um elemento de resistência na redação: durante a observação empírica, foi possível encontrar repórteres que, através dessa queixa, justificavam uma condição de acomodação no contexto produtivo.

12 - O retorno do público, entretanto, é variável. A maior parte disse recebê-lo; outros, apenas em algumas ocasiões.

13 A cobrança por qualidade ganhou ressonância recentemente no jornal onde trabalha o grupo investigado. Há cerca de cinco anos, a empresa implantou um projeto de profissionalismo, cujo objetivo, nas palavras da então *ombudsman* “era incutir nos funcionários da redação a idéia de aprimoramento qualitativo contínuo do produto jornalístico”. Eram feitas análises diárias sobre o material produzido pelos repórteres e distribuído a todo grupo com elogios ou críticas, algumas severas. Também regras de estilo textual e gráfico do jornal eram repassadas nas análises diárias. Em geral, cobravam poder de síntese, texto objetivo, contextualizado e crítico, voltado para a prestação de serviço etc. No início do processo, houve grande resistência entre os repórteres, que reclamavam das críticas, acusando-as especialmente de não levar em conta as condições concretas de produção na redação. Esse processo desenvolvido na empresa se assemelha, guardadas as devidas proporções, ao projeto desencadeado na década de 1980 pela *Folha de S. Paulo*, que objetivou normatizar as

condições de produção industrial jornalística, retirando do jornalista parte do controle sobre seu trabalho. No primeiro semestre de 2005, as análises internas no jornal do grupo investigado foram encerradas, quando a *ombudsman* passou a ocupar o cargo de editora-assistente.

14 No período de desenvolvimento da pesquisa de campo, um dos entrevistados foi abatido por um quadro de estresse e licenciado do trabalho por semanas. O fato gerou comentários durante algumas entrevistas, especialmente quando os sujeitos discorreram sobre as pressões físicas e psicológicas no exercício da atividade.

15 Os entrevistados, em linhas gerais, apontaram que o estilo de vida do jornalista é agitado, desgastante, estressante, sedentário, com pouco tempo para a vida pessoal e privada e marcado pelo alto envolvimento profissional.

16 É preciso considerar que o ritmo de produção de cada editoria pode tornar o desgaste mais acentuado. Os repórteres que trabalham na produção diária de uma editoria que trata de *hard news*, por exemplo, podem encontrar maior dificuldade para organizar seus horários do que outro que trabalha num suplemento de *deadline* semanal. Alguns jornalistas que trabalham na produção diária, afirmaram, por exemplo, que há dias em que chegam a permanecer dez horas na organização-empresa, o que, de fato, é um tempo considerável de trabalho, levando-se em conta o ritmo acelerado de produção do jornalismo diário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard S. Observação Social e Estudos de Caso Sociais. In: *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, cap. 5, p.117-133.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Eu caçador de mim: pensando a profissão de psicólogo. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. 2.<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p.280-291.
- BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CHANLAT, Jean-François (Coord.). Por uma antropologia da condição humana nas organizações. In: *O indivíduo na organização – dimensões esquecidas*. Vol. I. 3.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996, p.21-45.
- CLEGG, Stewart. Poder, linguagem e ação nas organizações. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). *O indivíduo na organização – dimensões esquecidas*. Vol. I. 3.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996, p.47-66.
- COULON, Alain. Questão de método. In: *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995, cap.5, p. 79-92.
- \_\_\_\_\_. Os conceitos-chave da etnometodologia. In: *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995, cap.3, p.29-49
- CUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: *A noção de cultura em ciências humanas*. Bauru: Edusc, 1999. cap.6. p.175-202.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*. Estudo de psicopatologia do trabalho. 5ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.
- GASPARINI, Giovanni. Tempo e trabalho no Ocidente. In: CHANLAT, Jean-François (Coord.). *O indivíduo na organização – dimensões esquecidas*. Vol. III. São Paulo: Editora Atlas, 1996, p.112-126.
- GOFFMAN, Erving. Representações. In: *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975, p.25-75.
- SÁ, Celso Pereira de. *Núcleo central das representações sociais*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2002.

SATO, Leny. A representação social do trabalho penoso. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. 2.<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p.188-211.

SCHULZE, Clélia Maria Nascimento. As representações sociais de pacientes portadores de câncer. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. 2.<sup>a</sup>reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p.266-277.

SPINK, Mary Jane (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. 2.<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.